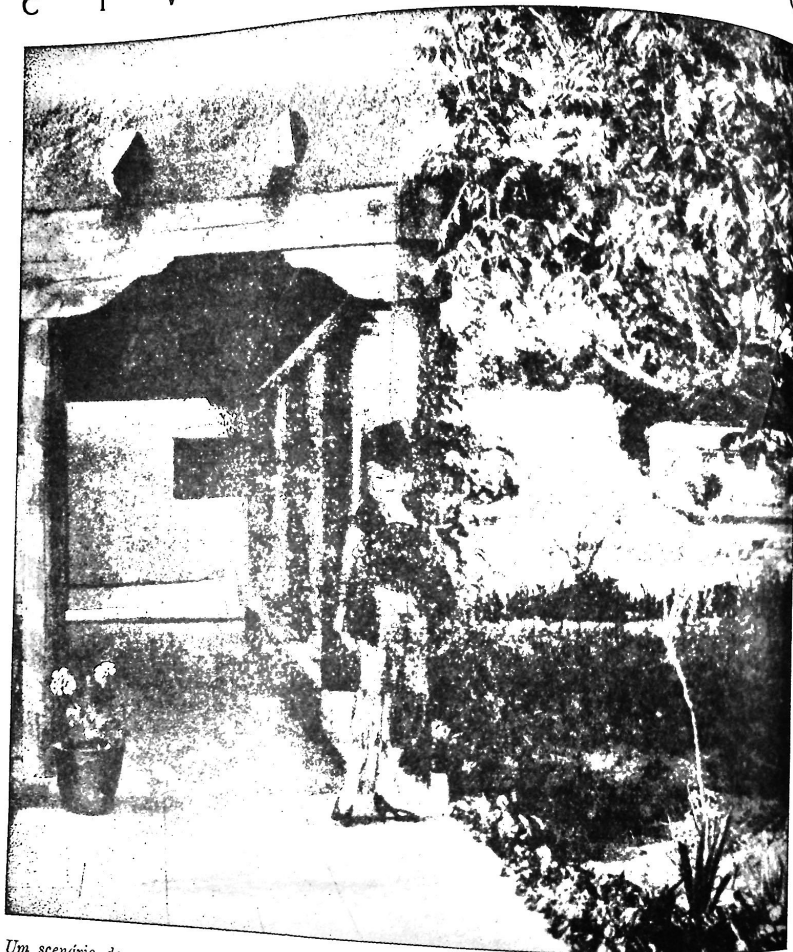




Um cenário de encanto e uma linda figura. Esta gentil mexicana aviva, com o ruflar do seu leque, a brisa de uma tarde estival.

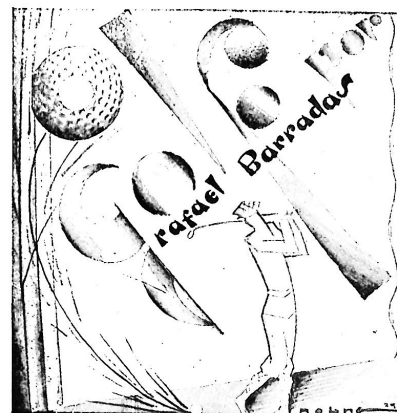
espaçosas planuras, intermináveis no espírito infantil, que lhes faz antegozar a plena liberdade do *open life*, propicia aos seus músculos elásticos e ágeis, sempre prontos a receber os choques violentos dos freqüentes trombolhões.

O verão é oiro e púrpura emoldurando, pelas praias e termas, os corpos e as almas rejuvenescidas do cansaço da cidade. É o quadro belo

e magnificante da natureza emprestando frescura, cor, alegria e força, aos seres humanos que, durante o resto do ano, labutam na cidade pelo pão nosso de cada dia.

O verão é, enfim, toda a beleza antiga, renascendo para nos purificar o corpo e o espírito, e dar-nos a maravilha das coisas num cenário único: a natureza.

Pobre de quem não conseguiu juntar, durante o inverno, o dinheiro suficiente para tonificar o seu organismo no verão!



A FASCINAÇÃO singular e misteriosa, que é um dos grandes encantos do *golf*, tornou este jogo inseparável da personalidade do britânico.

O verdadeiro golfista é um apaixonado e um intransigente, que dedica toda a atenção ao seu desporto favorito. Para ele, só há um ambiente e uma diversão: o terreno e o jogo.

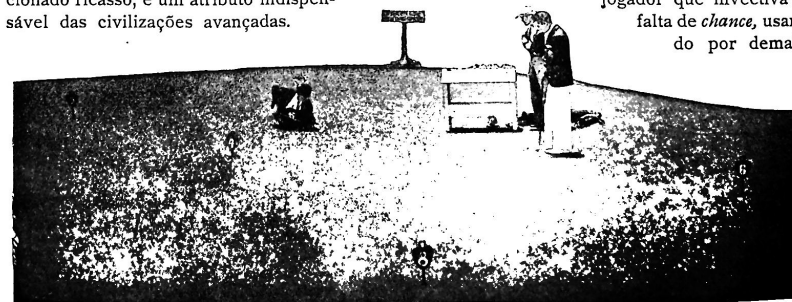
Ao ar livre, enchendo os pulmões e deleitando a vista pelos *greens* (terrenos) agitando com uma cadência calculada o *club*, o golfista percorre extensas milhas ignorando a fadiga e o trabalho cerebral. É uma diversão aristocrática inda hoje, e que foi privilégio das classes superiores do escocês. No dizer dum aficionado rico, é um atributo indispensável das civilizações avançadas.



Um magnífico «drive»

O *golf* está admiravelmente identificado com a psicologia do anglo-saxónico. A calma durante o exercício é uma das suas virtudes, e não a menor. Exerce na linguagem uma influência salutar, obrigando-nos ao silêncio mais absoluto. Quem se exaspera perde constantemente a sua qualidade de golfista.

Uma caricatura do *Punch* reveste de ironia o jogador que invectiva a falta de *chance*, usando por demais



Vista parcial dum «link»

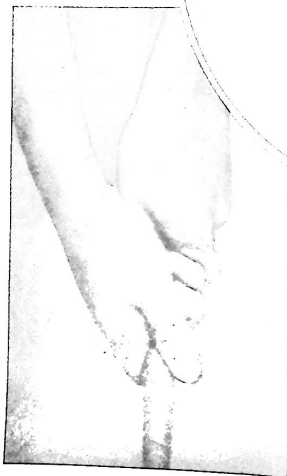


Gene Seragens

Estas cinco fotografias
mostram-nos como
alguns reputados
campeões pe-
gam no
«club»



George Voigt



Em ci-
ma: Tom
Armour; à es-
querda: Mac Do-
nald Smith; à di-
reita: Hary Cooper



pela outro, que seguia na peugada do falador
golfer: «Onde vais, Sandy? — Vou ouvir este
cavalheiro jogar».

O *golf* é, além de tudo, um médico notável.
Cura a neurastenia mais avessa ao tratamento,
modificando caracteres que parecem intangíveis.
Como jogo, a sua característica mais bela está
em não provocar rivalidades. Nunca se viram

da língua.

Um garo-
to inter-
to

dois inimi-
gos com
inveja dos

sucessos de cada um. Ao contrário do *foot-ball*,
que por incompreensão arrasta os praticantes
à violência, o *golf* estreita amizades. Quanto
mais se encontram nos *links*, assim se denomi-
nam os campos destinados ao *golf*, mais desejo
há de ali se tornarem a ver. Mais tarde, quando
dois amigos se separam, um sente bater o cora-
ção com mais força sempre que ouve o nome

do outro. Uma
imagem do
passado fixa-
se-lhe no cére-
bro, e murmura
comovido:
«Ah! Jogamos
ambos o *golf*!»
Simples, curta
mas eloqüente
frase.

O Dr. *Golf*
receita oxigê-
nio de manhã
até à noite.
Não fatiga,
nem desmora-
liza. Se o *gol-
fer* perde com
insistência, re-
pousa e atende.
A divisa
do *golf* está
nesta frase:
«jogue quando
lhe apeteça».

Muita gente
se converte ao
golf, mesmo



se não conte-
se sem dizer:
«Demónio!
Nunca falhei
tanto como ho-
je!». Ao que
lhe respondeu
o *caddie*: «Mas,
Vossa Excelên-
cia já jogou al-
guma vez?».

O *golf* é as-
sim um manan-
cial perene de
humour. A iro-
nia britânica
tem um vasto
campo de ope-
rações quando
quer servir-se
do seu despor-
to favorito.

Um grande fi-
lósofo positivis-
ta, Harrisson,
que não era um
bom jogador,
estava progredindo lenta-



Cu-
rio-
sas pe-
rspec-
tivas de
três co-
nhecidos
campeões
norte-ame-
ricanos que
este inverno
muito se evi-
denciaram nos
torneios da Flóri-
da: Ross McDa-
de, Gus Novot-
ny e Armsbvong



sem habilidade natural, mas com uma persis-
tência admirável. Um dia, um jogador, sem
quedar nenhuma para manejar o *club*, exercita-
va-se sozinho. Tantas vezes falhou a bola que

mente, em diversão ao *long hole*. Pergunta-
ram-lhe: «Quantas jogadas? — Três, respondeu
ele. — Sômente? insistiu o interlocutor vendo
o ar fustigado um número incalculável de ve-



Nem «link» de Hollywood: a insinuante filmstar Joan Crawford utilizando para «caddie» o popular actor do «écran» George K. Arthur.



Uma elegante golfdwoman: filmstar Billie Dove

zes. — Oh! Então, se conta estas tentativas, ponha pelo menos vinte! retorquiu o filósofo, despeitado.

Os próprios políticos têm no *golf* um paladino e um auxiliar precioso. Conta-se que Lord Balfour, ex-primeiro ministro escocês, durante uma conferência sobre um assunto grave, constringeu o auditório. Reconhecendo a necessidade de mudar o fio à palestra, propôs aos ouvintes o seguinte problema de *golf*: «Qual é a melhor posição sobre a linha do *putt*?»

E num momento, todos se desinteressaram do grave assunto que trouxera o orador à tribuna.

* * *

Quem não reconhece, no terreno, um golfista? Basta o recorte da *silhouette*, muito original e própria, com a boina característica e os calções tufados até meia perna e cobertos pelas meias de lã até ao sapato. Em todos os *links*, atrás dele, surge o *caddie*, o petiz encarregue de transportar os *clubs*, que são o instrumento do jogo.

Está particularmente desenvolvido na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e em França, mas é um jogo absolutamente escocês. Segundo uns, teve origem no *mail* (jogo da malha antigo) e devia ter sido introduzido



As três capitais para um bom lançamento. Ao centro: posição inicial, medindo a distância à bola e procurando o equilíbrio perfeito do corpo; à esquerda: posição do tronco e braços no momento da partida do «club»; à direita: posição final do corpo após a jogada, puxando, para melhor alcance da bola, as mãos o mais afastadas possíveis do tronco.

na Inglaterra por Guilherme, o Conquistador, adquirindo logo uma grande popularidade.

Em 1856, fundou-se em Pau o primeiro clube de França, e em 1888, os Estados Unidos tiveram ensejo de o transplantar. Essa obra meritória, segundo Carnegie, deve-se a Robert Lockart, de Yonkers, que durante as suas contínuas viagens à Escócia se tornou um fanático do *golf*. Os primeiros adeptos do jogo foram Jack Reid e John C. Van Eyck, e hoje, após quarenta e um anos, cre-se que a América gasta neste desporto para cima de 15 milhões de *dollars*.

Para jogar o *golf* são precisos terrenos extensos, onde se dispõem os obstáculos mais variados, tais como riachos, lagos, campos cultivados, carreiros, bosques, vales, muralhas, vias férreas, e até casas. No terreno, abrem-se uns orifícios com 10 centímetros de profundidade, constituídos com o nome genérico de *holes*.

A dispersão dos *holes* faz-se segundo a topografia do terreno, em número de 9 ou 18, distanciados irregularmente de 100 a 500 metros.

Cada jogador tem o seu *club*, ou utensílio próprio para bater na bola de cauchú. É uma cana terminada em espátula de madeira ou de ferro, com a qual se bate na bola, de modo a enfiá-la nos *holes*. Ganha o jogo todo aquele

No *golf* uma boa jogada depende muito da posição inicial dos braços e tronco. Os traços brancos desta fotografia servem para mostrar a chave dum bom jogador a dar à sua coluna vertebral, cintura (fulcro do movimento) e mãos.



C I V I L I Z A Ç Ã O

que fizer o percurso, usando do *club* o número de vezes mínimo.

Os terrenos, depois de preparados, chamam-se *links* e tem os *holes* espalhados de maneira que o primeiro e o último estejam próximos. Dêste modo, todo o jogador, ao terminar a partida, se encontra junto do ponto inicial.

Ao lado de cada *hole*, o terreno está preparado com relva e nivelado. Este espaço tem o nome de *putting green*. A uma dezena de metros fica o *tee*, outro espaço com *gazon*, que é o local donde o jogador recomeça, depois de cada *hole*.

Cada golfista só pode bater na bola com o *club*, e ninguém, excepto o seu *caddie*, o pode aconselhar. Entre os jogadores há um *hole* de intervalo, e não podem ultrapassar-se.

Os terrenos de cada clube estão separados por bandeirolas que os limitam, com designações próprias e cores distintas.

Tal é, em síntese, o mecanismo próprio do *golf*, que ainda tem um sem número de termos técnicos para designar as jogadas e as situações. Mas, para que serve a indicação dessa fiação inúmera de expressões, que não têm sí-
nónimos na nossa língua? Para que falar nos *swings*, nos *breaks*, nos *home stretch*, no *lunging*, no



RAFAEL

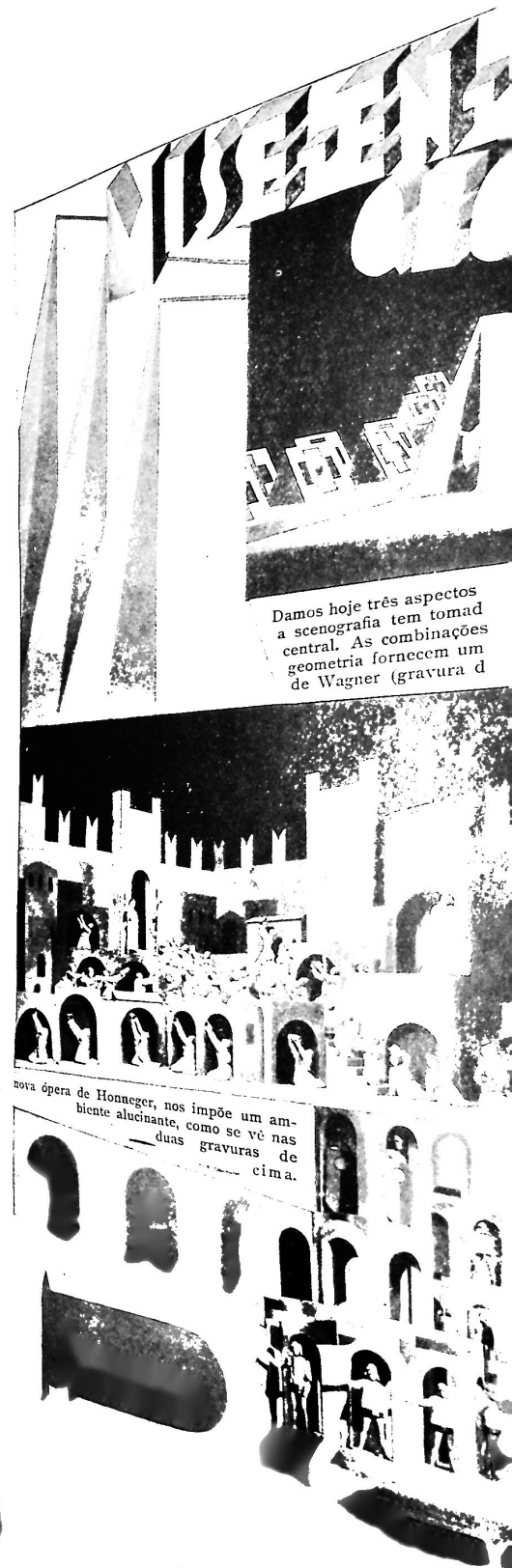
mashie, no *niblick* e no *follow through stynie*, que são o enredo maravilhoso desse jogo salutar?

O *golf* tem grandes campeões, mundialmente conhecidos e admirados. Na América, Bobby Jones e Walter Hagen, o primeiro, amador, são chefes de fila numa coluna composta por Gene Sarazen, Geo Von Elm e Tommy Armour. Na Inglaterra, o melhor *golfer* é, sem dúvida, Archie Compston, que é excelente nos *birdies* e *eagles*; na França, o nome mais conhecido é o de Francis Ouimet.

O elemento feminino, está, sem dúvida, muito bem representado em todo o mundo, contando-se por milhares as *ladies* que ilustram os *links*. Contudo, o sexo forte, governa como senhor absoluto neste campo da actividade humana.

Os poetas têm pelo *golf* uma predilecção especial. A fascinação da campina extensa, o inesperado desenlace das jogadas e os horizontes tão vastos que cercam os *greens*, são fontes de inspiração. Tanto assim que a eles se deve o tributo dum grande artista inglês: «A frescura das águas que correm pelas ravinas, o bálsamo da briza que me acaricia, o hino da tarde que cai vagarosamente, tudo é apanágio teu, divindade do Ar Livre!».

BARRADAS



Damos hoje três aspectos a scenografia tem tomad central. As combinações geometria fornecem um de Wagner (gravura d

nova ópera de Honegger, nos impõe um ambiente alucinante, como se vê nas duas gravuras de cima.